



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ALINE DA SILVA ARAÚJO

RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE

**CAMPINA GRANDE
2016**

ALINE DA SILVA ARAÚJO

RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE

Trabalho de conclusão de curso- TCC apresentado à comissão avaliadora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba para a obtenção do Grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ms. Cristina Sales Cruz

CAMPINA GRANDE – PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A658r Araújo, Aline da Silva
Relação entre aprendizagem e afetividade [manuscrito] / Aline da Silva Araújo. - 2016.
40 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Ma. Cristina Sales Cruz, Departamento
de Pedagogia".

1.Aprendizagem. 2.Afetividade. 3.Relação professor-aluno.
I. Título.

21. ed. CDD 371.102 3

ALINE DA SILVA ARAÚJO

RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE

Trabalho de conclusão de curso-TCC
apresentado à comissão avaliadora do Curso
de Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba para a obtenção do Grau de Licenciada
em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ms. Cristina Sales Cruz

Aprovada em: 28/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

Cristina Sales Cruz.

Profa. Ms Cristina Sales Cruz. (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Kelli Faustino do Nascimento

Profa. Dra. Kelli Faustino do Nascimento (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nelsânia Batista da Silva

Profa. Dra. Nelsânia Batista da Silva (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu querido pai ALMERI MARINHO DE ARAÚJO (In Memoriam) que sempre acreditou em mim e dedicou seu amor e tempo na minha educação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que esteve comigo em todos os momentos, dando-me forças para caminhar .

A minha mãe, Veronice da Silva Araújo, pelo apoio nos momentos mais difíceis de minha vida.

Aos meus familiares e amigos, pelo apoio e compreensão nos momentos em que estive ausente.

Aos professores do Curso de Pedagogia da UEPB, pela dedicação.

A minha querida orientadora, Cristina Sales Cruz, pela paciência, dedicação e estímulo. Serei eternamente grata...

As queridas professoras Kelli Faustino do Nascimento e Nelsânia Batista da Silva, por terem aceitado o convite para participarem da minha banca.

A minha eterna Professora Maria de Lourdes Cirne Diniz, que sempre demonstrou amor e dedicação na sua profissão, mostrando através das suas atitudes que o amor faz a diferença na vida dos que nos cercam.

As minhas queridas amigas do Curso de Pedagogia para a vida, Sônia Maria Silva Azevedo, Gercitânia Oliveira e Simone Cruz, que estiveram sempre comigo nos momentos de dificuldades.

Ao meu querido namorado Ricardo da Silva Pereira, que sempre esteve ao meu lado nos momentos felizes e difíceis da minha vida.

A minha grande amiga e irmã Kercia Mirely por nunca desistir de mim e por incentivar minha vida acadêmica.

Aos funcionários da UEPB pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

“O caráter altamente contagioso da emoção vem do fato de que ela é visível, abre-se para o exterior através de modificações na mímica e na expressão facial.[...] A emoção esculpe o corpo, imprimi-lhe forma e consistência”.

Dantas

RESUMO

Este trabalho trata de uma pesquisa científica cujo objetivo é refletir sobre a importância da afetividade nas inter-relações no âmbito escolar, para o desenvolvimento da aprendizagem da criança, considerando que a escola, além da família torna-se responsável e capaz de contribuir para o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança, principalmente nos anos iniciais da escolarização. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica fundamentada em trabalhos de autores como BESSA (2008), CARVALHO (2006), MOHONEY(2000), ALMEIDA (2007) dentre outros, que nortearam nossa reflexão sobre a relação entre a afetividade e o desenvolvimento do ser de forma integral. Concluímos que a afetividade e a inteligência são inseparáveis no processo de desenvolvimento psíquico, e que o professor por meio de sua ação deve promover uma educação que possibilite a constituição do aluno de forma plena. Para isso, o professor precisa ter conhecimento da realidade do aluno para, então, promover uma aprendizagem significativa.

Palavras Chaves: Aprendizagem. Afetividade. Relação professor-aluno.

ABSTRACT

This work is a scientific research whose aim is to reflect on the importance of affectivity in the interrelations in the school, for the development of the child's learning, considering that the school, in addition to the family becomes responsible and able to contribute to the cognitive and emotional development of children, particularly in the early years of schooling. Therefore, we conducted a literature search based on the works of authors such as BESSA (2008), Carvalho (2006), Mahoney (2000), Almeida (2007) among others, that guided our reflection on the relationship between affectivity and the development of the in full. We conclude that affectivity and intelligence are an inseparable pair in the psychic development of the child and the teacher through their action should promote an education that enables the creation of full-form student. For this, the teacher must be aware of the reality of the student to then promote meaningful learning.

Key Words: Learning. Affectivity. teacher-student

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPITULO I - APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO - CONCEPÇÕES, FATORES E RELAÇÕES.....	11
1.1 ABORDAGEM INATISTA.....	13
1.2 ABORDAGEM COMPORTAMENTALISTA OU AMBIENTALISTA.....	15
1.3 ABORDAGEM NTERACIONISTA.....	15
1.3.1 Teoria de Jean Piaget.....	17
1.3.2 Teoria de Lev Vygotsky	18
1.3.1 Teoria de Henri Wallon.....	19
CAPITULO II – AFETIVIDADE – ALGUMAS CONCEPÇÕES.....	22
CAPITULO III – RELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM.....	26
CONSIDERAÇÕES	37
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

A ideia de que a criança aprende muito através do afeto, atualmente é comprovada na prática pelos educadores interessados nas questões relacionada a aplicação da afetividade em sala de aula.

Vários estudos vêm sendo feitos neste campo, como forma de tornar mais eficaz e prazeroso o processo de ensino-aprendizagem.

Sabendo que a afetividade tem assumido um papel definitivo no comportamento do educando, devendo estar incluída nesse processo; torna-se necessário contar com a ajuda do professor que possibilite desenvolver as capacidades do aluno, através de sua prática, auxiliando o educando a vencer suas dificuldades, intelectuais, físicas e afetivas.

Ao refletirmos sobre a importância da afetividade na relação do processo ensino aprendizagem, através da nosso estágio do Componente Curricular Prática IV, numa turma de Educação Infantil, vimos o quanto torna-se importante um ambiente acolhedor que propicie a confiança da criança, e sobretudo o respeito as fases do desenvolvimento.

Buscando alcançar novos caminhos para uma compreensão dos professores a respeito das relações afetivas com seus alunos, se faz necessário aprofundar estudos que possam influenciar de forma positiva o trabalho educativo desses profissionais, possibilitando assim, transformações na relação professor-aluno que venham a favorecer a formação integral da criança.

Na tentativa de ampliar os conhecimentos para termos condições de auxiliar os demais profissionais interessados nessa temática e analisar de que forma as relações interpessoais podem contribuir para o desenvolvimento afetivo e intelectual da criança, estudamos alguns autores que valorizam e acreditam na importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem, e assim estruturamos o nosso trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo, são apresentadas as abordagens sobre a aprendizagem e sua relação com o desenvolvimento; os diferentes modos como esses processos têm sido explicados pelas teorias psicológicas.

No segundo capítulo, mostramos concepções de afetividade e a importância das relações afetivas para a consolidação do desenvolvimento da criança na visão Piaget, Vygotsky e Wallon.

No terceiro e último capítulo enfocamos a relação existente entre a afetividade e a inteligência e/ou sobre afetividade e aprendizagem através dos subsídios fornecidos pelos teóricos Wallon, Vygotsky e Piaget.

Por consideramos o tema afetividade um importante aspecto na aprendizagem da criança, esperamos contribuir através do nosso estudo para a prática dos profissionais, que possam ter acesso a ele, e que busquem em sua prática manter um ambiente harmonioso, de respeito a criança em suas fases de desenvolvimento.

CAPITULO I - APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO: CONCEPÇÕES, FATORES E RELAÇÕES.

O interesse pelo tema aprendizagem remonta a antiguidade. Aristóteles, um dos mais importantes filósofos gregos já especulava a respeito do significado da aprendizagem, dos seus fatores, consequências. Atualmente este é um dos temas bastante discutido nos meios acadêmicos e por diferentes teorias, especialmente no campo da psicologia. E é na tentativa de explicar como se dá este processo que fez emergir no século XX, com estudos mais avançados em Psicologia diferentes teorias explicativas do funcionamento do processo do aprender. Percebeu-se que era através da aprendizagem que o homem adquiria hábitos e comportamentos. Nesse período a aprendizagem passou a ser definida como o processo de aquisição de novos conteúdos a partir de um sistema de trocas constante entre o homem e o meio. Cada teoria tem a sua filosofia subjacente, o que as diferencia tanto no modo de definir a aprendizagem como na explicação de como ela ocorre; são teorias que podem ser agrupadas em comportamentalistas, cognitivistas, inatistas, humanistas. Vale ressaltar que o conceito de aprendizagem surgiu de investigações empiristas em Psicologia, que partiam do pressuposto de que todo o conhecimento provém da experiência.

Neste conjunto de teorias da psicologia denominadas por alguns autores como sendo de aprendizagem, encontram-se algumas que não são propriamente da aprendizagem, mas que tratam de aspectos a ela relacionados, a exemplo da teoria do psicólogo suíço Jean Piaget, cuja teoria é do desenvolvimento da inteligência. Aqui consideraremos o modo como é abordado na maioria dos textos que apresentam estas teorias.

Sobre o termo aprender, para Bock, Furtado e Teixeira (2001) nós usamos sem dificuldades, pois relacionamos à capacidade de fazermos algo que antes não fazíamos. No entanto, o conceito de aprendizagem para a psicologia não é tão simples, pois há diversas possibilidades e/ou fatores que nos levam a apresentar um comportamento que antes não apresentávamos. Na visão de Zanella (2003) alguns destes fatores são conhecidos e muitos outros são obscuros pelo fato de não termos acesso direto aos processos de aprendizagem, tendo em vista que muitos teóricos enfatizam o que ocorre com o sujeito apenas após a aprendizagem, através da observação dos desempenhos, isto faz com que tenhamos um entendimento parcial sobre a aprendizagem.

A aprendizagem é um processo que se inicia com o nascimento e tem o seu fim após a morte, em cada fase da vida o indivíduo está em constante aprendizagem. Essa, por sua vez,

ocorre em várias situações e implica em mudanças de comportamento. No contexto informal é onde a maioria dessas mudanças acontece, visto que é através das experiências e situações que o ser humano passa por evoluções e mudanças.

É possível existir aprendizagem sem que haja planejamento e programação prévia, sendo considerada como aprendizagem circunstancial.

Também existe o tipo de aprendizagem que é planejada e organizada, envolvendo a figura do professor e aluno, dentro do contexto da sala de aula.

Porém, existem algumas mudanças no ser humano que independem de aprendizagens e são decorrentes dos processos maturação (mudanças evolutivas, aquisição da linguagem), disfunção do organismo (doenças, fadiga, estresse) ou por dificuldades psicológicas (apatia, indiferença, neuroses); que geralmente causam mudanças comportamentais, porém, não podem ser consideradas, como aprendizagem. A aquisição de conhecimentos também tem sido confundida com aprendizagem. Por essa razão, descreveremos alguns processos característicos da aprendizagem.

O Primeiro deles é que é um processo contínuo, onde o indivíduo estará sempre aprendendo algo ao longo da sua vida.

Outro fator que caracteriza a aprendizagem é que um processo pessoal, ativo e dinâmico, onde o indivíduo é responsável por suas próprias conquistas, agindo dinamicamente para alcançar seu próprio desenvolvimento, por isso, depende do esforço e envolvimento, mas também das condições do meio, que poderão oportunizar ou bloquear algumas conquistas.

Qualquer aprendizagem envolve todos os seus sentidos e o indivíduo na sua totalidade, de forma global. Também é importante ressaltar, que cada indivíduo tem um ritmo próprio para aprender e se dá de forma gradual de acordo com o ritmo de cada um. Cada nova aprendizagem se soma a anteriormente adquirida num processo integrativo-acumulativo, e quanto mais se desenvolve mais o ser humano se torna completo e complexo.

Geralmente procuramos respostas sobre a aprendizagem na infância. Isto ocorre porque podemos considerar que o cérebro infantil ainda está em desenvolvimento, é a partir do nascimento que a criança vai sendo apresentada ao mundo. Através do contato com o mundo a criança passa a utilizar seus sentidos para explorá-lo, internalizando cores, sensações, sentimentos, percepções, gostos, cheiros, nomes, fazendo associações entre as informações que recebe.

Segundo Ferreira (1986 apud BESSA, 2008) a aprendizagem é definida como: “Aprendizado; ato ou efeito de aprender; tomar conhecimento de; reter na memória mediante

o estudo, a observação ou a experiência; tornar-se apto ou capaz de alguma coisa em consequência de estudo [...]”. Bessa (2008), por sua vez, destaca como aspectos essenciais no processo de aprender a memória, a atenção, o interesse (ou motivação, para outros) e a inteligência.

A memória seria a capacidade de armazenar informações no cérebro, ou a capacidade de resgatar aquilo que foi armazenado. E ela que nos auxilia quando precisamos de alguma informação anterior onde uma nova possa se associar. A atenção é um processo de concentração, que ocorre a partir dos estímulos internos e externos. O interesse pode ser definido como uma relação entre o sujeito e o objeto, onde o sujeito sente-se atraído pelo objeto através dos estímulos produzidos. Já a inteligência seria a capacidade de uma pessoa compreender com facilidade as informações que lhes são transmitidas.

Ainda para Bessa (2008) o ato de aprender é bastante complexo e não envolve apenas os sentidos, antes sistemas mais complexos como interesse e atenção. Diante da complexidade do tema, abordaremos sobre o conjunto de teorias que foram sendo criadas para explicar como se dá a aprendizagem ao longo do nosso desenvolvimento. É importante ressaltar que as teorias da aprendizagem estão associadas às teorias do desenvolvimento humano, período que vai da infância a fase adulta, visto que a aprendizagem vai sendo construída a partir de seus sentidos e percepções ao longo da vida.

Conforme Macêdo (2006) Os processos de desenvolvimento e aprendizagem têm merecido uma atenção especial por parte de muitos teóricos, que através de seus estudos, apresentam explicações sobre esses processos. Cada abordagem nos oferecem diferentes explicações sobre o processo de desenvolvimento e a aprendizagem e conseqüentemente sobre a origem da singularidade humana. Por essa razão, descreveremos então, um pouco sobre o que cada uma destas abordagens defende sobre aprendizagem, desenvolvimento e suas relações.

1.1 ABORDAGEM INATISTA

De acordo com Ferreira (1986 apud BESSA, 2008, p.12) inato significa aquilo que nasce com o indivíduo; congênito; conato; que pertence à natureza de um ser. Portanto, as teorias inatistas são aquelas que acreditam na existência de ideias ou princípios, independentes de suas experiências no mundo. Essa teoria coloca o homem como um ser biológico, onde seu desenvolvimento é visto como o resultado da maturação e do amadurecimento do sistema nervoso central e as explicações quanto as diferenças individuais

encontra-se nos fatores internos. Na abordagem Inatista as características de cada indivíduo são definidas biologicamente desde o seu nascimento, tanto a personalidade, o modo de agir e a inteligência, assim como os dons, aptidões e o caráter são traços já inscritos na personalidade de cada indivíduo, por isso torna cada indivíduo como ser único; o sujeito exerce certa influência sobre o objeto, isso permite modificar a realidade de acordo com seus interesses. Já a aprendizagem independe daquilo que é vivido pelo sujeito, de suas experiências com o mundo. A aprendizagem está relacionada à capacidade congênita do sujeito desempenhar as tarefas que lhe são propostas. Por essa razão, opõe-se à experimentação, por acreditar que o indivíduo ao nascer já traz determinada as condições do conhecimento e da aprendizagem, que serão demonstradas progressivamente, ou de forma imediata, durante o processo de seu desenvolvimento biológico, sem a intervenção e participação do meio.

Nesse contexto, a educação escolar deve permitir que o desenvolvimento aconteça, porém o professor e a educação escolar possuem papéis extremamente limitados e só poderão atuar nos níveis de desenvolvimento já alcançados. O professor nesse caso é um mero facilitador de aprendizagem e tanto o professor quanto o ensino não influenciam nem interferem no desenvolvimento dos traços comportamentais e nas capacidades intelectuais. Na visão de Rego (1995 apud MACÊDO, 2006),

Ao explicar as diferenças individuais, e mais particularmente a singularidade da constituição humana, por meio de posições inatistas/aprioristas, elimina-se a influência e a interação com a cultura e conseqüentemente, o desempenho das crianças na escola deixa de ser responsabilidade do sistema educacional. Terá sucesso na escola a criança que tiver algumas qualidades, aptidões ou pré-requisitos básicos que implicarão a garantia de aprendizagem, tais como: inteligência, esforço, atenção, interesse ou mesmo maturidade para aprender. Desse modo, a responsabilidade está na criança (e no máximo em sua família) e não na sua relação com o contexto social mais amplo, nem tampouco na própria dinâmica interna da escola. (REGO, 1995, apud MACÊDO, 2006, p.94)

Macedo acrescenta que os aspectos internos como a hereditariedade e a maturação são bastante valorizados e vistos como determinantes para o desenvolvimento nessa abordagem. Por outro lado, os fatores externos são desconsiderados, por não oferecerem nenhuma contribuição no processo de desenvolvimento, os fatores externos apenas atualizam ou fazem surgir aquilo que estava previsto pelo fator biológico.

1.2 ABORDAGEM COMPORTAMENTALISTA OU AMBIENTALISTA

Esta abordagem, parte do pressuposto de que o desenvolvimento do ser humano depende unicamente das influências do ambiente. Essa forma de pensar teve início com o filósofo inglês John Locke, que via o homem antes da experiência, como uma tabula rasa, onde poderiam ser impressas as marcas do meio, dando origem a ideia de que o homem pode ser moldado. Nessa abordagem os fatores externos são bastante valorizados e considerados como determinantes ao desenvolvimento. O ser humano é visto como produto da ação modeladora do meio ambiente, a origem da constituição da singularidade humana é fruto dos fatores externos. O conhecimento por sua vez é resultado das sensações e experiências produzidas pelo meio, nessa perspectiva o sujeito é sempre modificado pelo objeto. O desenvolvimento, portanto, é resultado das aprendizagens alcançadas pelo indivíduo ao longo da vida. Cabendo a educação, oferecer estímulos e condições para que ocorra a aprendizagem.

Nessa visão, o aluno é um ser passivo, que apenas recebe o conhecimento pronto e que lhe é transmitido pelo professor sem possibilidade de escolha. O professor por sua vez, é colocado no centro do processo de ensino aprendizagem, tornando-se responsável pela aprendizagem do aluno. O erro, para essa corrente é pouco tolerado, e é considerado como algo que o aluno não sabe e precisa ser exercitado. Para essa corrente, a criança aparece como uma folha em branco, onde serão inscritos hábitos, comportamentos e demais aprendizagens, através do meio no qual a criança está inserida. Nesse caso, o ambiente passa a ser o grande responsável pelo que a criança aprende. O comportamentalismo atribui um valor imenso ao ambiente no desenvolvimento humano, excluindo do homem a sua subjetividade, gerando uma visão de que o indivíduo é extremamente passivo perante o meio, podendo ter seu comportamento e caráter moldado pelo professor.

1.3 ABORDAGEM INTERACIONISTA

Discorda das demais (inatista e comportamentalista), em relação aos fatores internos e externos do desenvolvimento. Essa abordagem tem como principais representantes Jean Piaget (1896-1980), Lev S. Vigotsky (1896-1934) e Henri Wallon (18879-1962), que dão explicações sobre como o interacionismo pode ser compreendido, cada um ao seu modo.

É uma abordagem que, parte do pressuposto de que tanto o organismo quanto o meio exercem ação recíproca, influenciando de tal forma que através da combinação dos fatores, acontece o desenvolvimento do ser humano. Para essa corrente, o homem é visto como um ser

ativo, que se constrói e constrói seu conhecimento através de um processo interativo. Na medida em que se estabelece uma relação entre sujeito e objeto, ambos são afetados e modificados.

Na concepção de Piaget, a criança é vista como um ser ativo que age sobre o meio, porém sua aprendizagem dependerá do desenvolvimento das suas estruturas cognitivas. Para desenvolver um pensamento organizado e abstrato, o indivíduo terá que passar por um processo que vai da infância a fase adulta. Deste modo, os fatores internos como a maturação e equilíbrio são frequentes no processo de desenvolvimento.

Para Vygotsky, o homem é um ser interativo que constrói seu psiquismo através do ambiente social, histórico e cultural. Para ele o desenvolvimento não é natural, antes depende da maturação e do contato com a cultura e as relações sociais. Vygotsky não exclui a função biológica, porém atribui um enorme significado à dimensão social, sendo esta essencial na aprendizagem. Apesar de serem distintos, a aprendizagem e o desenvolvimento são inseparáveis desde o nascimento do indivíduo. Mas, a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento.

Para Wallon, os aspectos biológicos e sociais são indissociáveis. Segundo este autor, o desenvolvimento é visto como um processo em aberto, que permite a relação entre os fatores orgânicos e socioculturais. A aprendizagem, por sua vez, impulsiona o desenvolvimento através de um processo aberto e constante.

As teorias de aprendizagem vão sendo formuladas dentro desse variado conjunto de teorias. Porém vale ressaltar a importância da interação social no espaço escolar, tendo em vista que a relação entre o professor e o aluno e entre os alunos, é condição necessária pra que exista aprendizagem. É a partir da ação do sujeito sobre o objeto, ou seja, da interação do sujeito com objeto, que o aprendiz extrai daquilo que quer conhecer as informações necessárias para seu uso.

[...] o desenvolvimento do sujeito humano e de sua singularidade se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem na vida social. (REGO 2003 apud MACÊDO, 2006, p.99).

Dada a importância das explicações da abordagem interacionista sobre o processo de desenvolvimento humano e aprendizagem e de suas relações na atualidade, apresentaremos com mais detalhes as teorias de Piaget, Vygotsky e Wallon.

1.3.1 Teoria de Jean Piaget

A teoria de Piaget é conhecida como uma concepção construtivista da formação da inteligência ou Construtivismo. Piaget tinha como proposta estudar a origem do conhecimento humano. Em sua teoria, procura explicar como o indivíduo, desde o seu nascimento até sua fase adulta, constrói o conhecimento. Em seus estudos Piaget chegou a conclusão de que a aprendizagem ocorre a partir da ação dos sujeitos sobre os objetos, na qual o sujeito é sempre aquele que vai em busca do conhecimento. Para o autor, o que nos motiva para a aprendizagem são os problemas cotidianos. Quando o conhecimento que temos sobre algo é menor que o conhecimento contido no objeto a ser conhecido estamos em desequilíbrio no processo de aprendizagem, por isso, precisamos agir com o objeto para extrair dele as informações que desejamos. Piaget chama esse processo de busca e extração de conhecimento dos objetos a serem conhecidos de assimilação.

A assimilação é responsável por levar até os esquemas cognitivos (esquemas prévios de aprendizagem do sujeito) as novas informações extraídas do objeto. E a modificação produzida com esse novo conhecimento ele chama de acomodação.

De acordo com Piaget, as possibilidades de uma criança aprender são dadas pelo nível de desenvolvimento das estruturas cognitivas. Portanto, o desenvolvimento cognitivo será o caminho pelo qual todos os indivíduos terão que percorrer para construir um pensamento organizado e abstrato. Nessa teoria, a aprendizagem dependerá do processo de desenvolvimento. O desenvolvimento intelectual envolve a passagem do indivíduo por quatro estágios, o que irá definir essa transição é a modificação da lógica intelectual da criança em cada etapa. São eles:

Estágio sensório-motor (0-2 anos): Período em que o bebê conhece o mundo por meio dos sentidos e de seus atos motores; nessa ação o bebê começa a construir esquemas de ação para assimilar mentalmente o meio. O contato com o meio é direto e imediato.

Estágio pré-operatório (2-7 anos): Período conhecido como a idade da curiosidade e a fase dos porquês, onde a criança não aceita fatos sem explicação. A criança nesse estágio é egocêntrica e seu pensamento continua centrado no seu próprio ponto de vista. Ela já consegue distinguir a fantasia do real, podendo dramatizar sem que acredite nela.

Estágio operatório-concreto (7-12 anos): Período em que a criança desenvolve noções de tempo e espaço, sendo capaz de relacionar diferentes aspectos e considerar dados da realidade, porém depende do modo concreto para chegar à abstração.

Estágio operatório-formal ou lógico-formal (12 anos em diante): Fase em que a criança é capaz de pensar em todas as relações possíveis de forma lógica, não se limitando à

representação imediata. A criança nessa fase aplica o raciocínio lógico nos problemas e atua de forma autônoma.

Conforme Bessa (2008, p.48) Piaget descreve os quatro fatores básicos responsáveis pelo desenvolvimento: maturidade e o sistema nervoso, a interação social, a experiência física com objetos e principalmente a equilíbrio. Porém, o fator de menor peso na teoria piagetiana é a interação social. Para ele a aprendizagem é um processo restrito, causado pelas situações específicas e que está subordinada à maturação e a equilíbrio. A maturidade e o sistema nervoso são importantes porque se referem ao amadurecimento das estruturas biológicas imprescindíveis para a realização da aprendizagem. A interação social, contribui para que aconteça a perda do egocentrismo e também contribui para a compreensão das regras. A experiência física por ser um meio através do qual a ação do sujeito sobre o objeto possibilita a aprendizagem, e por fim a equilíbrio que se torna reguladora da aprendizagem.

1.3.2 Teoria de Lev Vygotsky

A teoria de Vygotsky, apresenta o homem em relação ao seu conhecimento como um indivíduo que se desenvolve a partir do meio físico e social.

Segundo Bessa (2008) Vygotsky, considerava o homem um ser histórico, construído a partir de suas relações com o mundo natural e social, onde o sujeito social se constrói com base no movimento de internalização da cultura, numa perspectiva histórica, ampliando a compreensão dos mecanismos pelos quais a cultura se apropria dos sujeitos e como os sujeitos se apropriam dela. Refletindo sobre a teoria de Vygotsky a autora diz que ele sempre buscou compreender o homem e a interação da cultura existente no ser social.

Segundo Vygotsky, as características tipicamente humanas não estão presentes desde o seu nascimento, antes são resultado da sua interação com o meio sociocultural. Ele desenvolveu alguns conceitos para explicar como o sujeito define sua constituição através das atividades socialmente enraizadas. São eles:

Processos elementares são os de ordem biológica, que se desenvolvem através dos reflexos, reações automáticas e as associações.

Processos psicológicos superiores são os processos que caracterizam o funcionamento psicológico humano, que são desenvolvidos pelo caráter voluntário da atenção e memória e através do comportamento intencional.

Síntese seria a junção dos elementos que não estão presentes nos dois processos anteriores (elementares e psicológicos). Seria a junção dos processos de ordem biológica

(reflexo, reações automáticas) com os processos desenvolvidos pelo caráter voluntário e memória.

Plasticidade, caracterizada por ser a possibilidade de ser moldado através da interferência ou ação de elementos externos. A plasticidade caracteriza o cérebro não como um sistema de funções fixas e imutáveis, mas como algo que se modifica ao longo da história.

A cultura seria essencial nesse processo de desenvolvimento, pois através desse contato transforma o homem em um ser histórico. Para ele, o aprendizado inclui a interdependência entre indivíduos, ou seja, na relação entre aquele que ensina e aquele que aprende. Sem a interação social e as condições propícias o desenvolvimento fica impedido de acontecer. A aprendizagem é definida como um despertar nos processos de desenvolvimento interior do sujeito que não ocorreriam sem o contato com o ambiente cultural.

Vygotsky chamou a atenção para o permanente estado de movimento e mudança dos processos psicológicos. Para entendermos a relação de aprendizagem e desenvolvimento ele propõe dois níveis de desenvolvimento: nível real e o nível e nível potencial

O nível real é tudo o que a criança consegue fazer por si mesma de uma maneira independente. Já o nível potencial corresponde a toda área que está em fase de amadurecimento precisando da ajuda de adultos ou companheiros mais capazes para ser desenvolvido.

A partir da identificação desses dois níveis, ele elabora o conceito da ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) que é constituída pelos conjuntos de funções que amadureceram e que estão em fase embrionária. De acordo com Vygotsky para compreendermos o desenvolvimento, devemos considerar tanto o nível real quanto nível potencial da criança. No ambiente escolar, é imprescindível que o professor esteja atento aos níveis de desenvolvimento do aluno, visto que ele é o canal intermediário para promover um avanço de uma etapa à outra.

1.3.3 Teoria de Henri Wallon

Henri Wallon, ao longo de sua vida dedicou-se a conhecer a infância e os caminhos da inteligência nas crianças. Ele acreditava que entre a Psicologia e a Pedagogia deveria existir uma relação de reciprocidade mútua. Para ele a investigação feita pela psicologia através das observações, traria aprimoramentos na prática pedagógica e avanços na construção do conhecimento sobre o processo do desenvolvimento infantil.

Conforme Bessa (2008) para Wallon, o desenvolvimento intelectual envolve muito mais que o simples cérebro, ele mostrou que as crianças tem corpo e emoções, e não apenas cabeça. Podemos perceber isso nos cinco estágios de desenvolvimento psicológico propostos pelo autor:

Estágio impulsivo-emocional (0 a 1 ano) é um período onde a afetividade orienta as primeiras reações do bebê; é através da relação de afeto que contagia as pessoas na tarefa de cuidar. A emoção atua como instrumento de ligação da criança com o meio.

Estágio sensório motor e projetivo (1 a 3 anos) é um período onde a criança explora o mundo físico com mais autonomia para conhecer os espaços e objetos. A projeção aparece como uma maneira de exteriorizar os atos mentais através dos atos motores.

Estágio do personalismo (3 a 6 anos). Período em que a criança começa a pensar por si de acordo com a relação que tem com o meio social. Seria o período onde a criança constitui uma relação sólida de afeto com o outro.

Estágio Categorical (6 aos 11 anos) período onde o interesse em conhecer é muito aguçado, levando a criança a uma maior exploração do mundo exterior.

Estágio da adolescência (11 em diante) período em que há um rompimento com a tranquilidade e desestruturação devido as mudanças no corpo. Nesta fase existe a necessidade do afeto e uma nova concepção da personalidade.

Para Wallon, em cada fase citada o sujeito internaliza o que na anterior conquistou, num processo contínuo. Uma depende da outra seja afetivamente ou cognitivamente.

A teoria waloniana, se baseia em quatro elementos básicos que se interligam o tempo todo. São eles: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa.

Nesta teoria, o afeto é essencial para todo o funcionamento do nosso corpo. Ele contribui para todo o desenvolvimento do ser. O movimento é extremamente necessário ao desenvolvimento da pessoa completa, além de ter sua função com o mundo físico, o movimento também é responsável pela afetividade e a cognição. Já a inteligência é desenvolvida de acordo com a visão do mundo exterior. Para a criança existe um conflito entre os sentimentos gerados pelo interior, cheios de sentimentos e sonhos e os sentimentos gerados pelo mundo exterior repletos de códigos e símbolos. É através da resolução desses conflitos que a criança desenvolve sua inteligência. Por fim, a construção do eu, onde a criança conhece os limites do seu corpo através da experimentação.

Conforme a teoria de Wallon, as emoções tem papel essencial no desenvolvimento, ele entende o verdadeiro valor do aluno como um ser que vive de emoções e que essas emoções precisam ser valorizadas no processo de ensino aprendizagem. Para o autor um dos pontos

importantes em todo o processo de ensino-aprendizagem é que o aluno entenda o quanto o professor se importa com ele.

CAPITULO II – AFETIVIDADE – ALGUMAS CONCEPÇÕES

O afeto é essencial para todo o funcionamento do corpo, através dele sentimos coragem, motivação e interesse. Todas as relações familiares, profissionais ou pessoais são permeadas pela afetividade. A nossa existência é marcada por muitos acontecimentos, são as nossas experiências de vida que ficam na nossa consciência. Essas experiências podem ser agradáveis ou não, e é através do afeto que apreendemos essas informações. O afeto valoriza tudo o que está dentro de nós, como medo, angústia. São os fenômenos afetivos que revelam a forma como cada sujeito é afetado pelos acontecimentos da vida, ou seja, pelo sentido que tais acontecimentos têm para ele. A emoção é essencial ao indivíduo e a afetividade é o combustível das ações provocadas pelas ações.

Alencar (2006) discutindo sobre a teoria de Henri Wallon, um dos estudiosos da Psicologia que mais se dedicou ao estudo dos aspectos afetivos no desenvolvimento da criança, diz que para ela a afetividade é anterior à inteligência. A criança ao nascer, antes de estabelecer atividades de relação com o meio, isto é, para conhecer, descobrir o mundo físico, permanece voltada para si mesma, como se estivesse desenvolvendo ou exercitando determinadas habilidades para poder mais tarde interagir com a realidade. Por essa razão, as influências afetivas que envolvem a criança desde o início de sua vida, sobretudo por meio das relações que mantém com outros, serão determinantes para sua evolução psíquica. Isso ocorre porque o desenvolvimento da afetividade e da inteligência tem uma base orgânica e ao mesmo tempo social.

Em sua teoria, Wallon (1998 apud ALENCAR, 2006, p.117) considera a afetividade um campo funcional bem mais amplo que comporta um conjunto de manifestações, englobando sentimentos, que considera serem de origem psicológica, e as emoções, que considera serem de origem biológica. Para o autor cada estágio de desenvolvimento pelo qual passa a criança, ela desenvolve um tipo de manifestação diferente, principalmente em função das suas necessidades e possibilidades maturacionais.

Para Wallon, a afetividade passa por um processo de fases, tendendo à evolução e à racionalização. Nessas fases, a afetividade se apresenta de forma diferenciada.

Na primeira fase, conhecida como afetividade emocional ou tônica, as trocas afetivas são realizadas sempre na presença de parceiros, por meio dos movimentos. Nessa fase, a criança não domina a linguagem verbalizada, por isso, utiliza-se dos gestos, espasmos e dos reflexos para estabelecer uma comunicação com o meio social.

Na fase sensório-motora e projetiva, a afetividade se beneficia da linguagem simbólica para se apropriar da linguagem oral e escrita. Através da comunicação tônica o toque e a entonação da voz se instauram, o que Dantas (1992) chama de forma cognitiva de vinculação afetiva. Para Dantas, essa evolução da afetividade garantirá à criança a apropriação do universo simbólico da cultura, originando, assim, a atividade cognitiva. Nesta fase a criança estará voltada a exploração e investigação da realidade exterior, ou seja, nomeando, identificando e localizando objetos.

Na fase categorial, as relações afetivas se direcionam para o campo do respeito e da admiração e passarão a ser dirigidas para o meio social. A criança desenvolve a capacidade de se diferenciar do outro. Nesse processo de individualização, a criança passa a se perceber e a se diferenciar dos objetos que estão a sua volta, através das relações sociais.

A afetividade e a inteligência não são funções que aparecem na criança de forma pronta e acabada, antes evoluem ao longo do desenvolvimento humano, sendo construída e modificada de uma fase a outra. Ora a predominância é afetiva ora é cognitiva. É importante ressaltar que tanto numa fase como na outra, o ato motor se torna indispensável para a formação do conhecimento, para a manifestação das emoções e conseqüentemente para a formação da pessoa.

É importante lembrar, que o afeto vai muito além de dar beijinhos, elogiar e acarinhar. Não podemos confundir afeto com falta de cobrança, é possível chamar a atenção de forma justa e respeitosa. Quando o professor age dessa forma o aluno passa a admirá-lo e busca não decepcioná-lo.

Para Almeida (1999 apud ALENCAR, 2006), nessa relação afetiva entre professor e aluno, há certa fragilidade quanto à noção do afeto mais cognitivo, ou seja, a maioria dos professores ignora o fato de que a afetividade evolui, o que faz com que as manifestações de carinho fiquem reduzidas apenas ao contato físico.

[...] a medida que se desenvolvem cognitivamente, as necessidades afetivas da criança tornam-se mais exigentes. Por conseguinte, passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança. Conforme a idade da criança, faz-se mister ultrapassar os limites do afeto epidérmico, exercendo uma ação mais cognitiva no nível, por exemplo da linguagem. (Almeida, 1999 apud ALENCAR, 2006 p.122)

As crianças em idade escolar sentem a necessidade de mais atenção, de carinho, de elogios. Conforme elas vão se desenvolvendo, as trocas afetivas vão se ampliando e tudo o

que é dito sobre ela se torna bastante significativo, levando a criança a abandonar seus receios e avançar cognitivamente.

Ao longo de seus escritos é possível perceber também a preocupação de Vygotsky em integrar os aspectos cognitivos e afetivos do funcionamento psicológico humano. Por entender o homem como um ser que pensa, raciocina, deduz e abstrai, mas também como alguém que sente, se emociona, deseja, imagina e sensibiliza. O autor não separa o aspecto intelectual do afetivo, pois busca uma abordagem abrangente, que seja capaz de entender o sujeito como uma totalidade.

Para Vygotsky, conforme Rego (1995), as relações interpessoais tem influência direta no intelecto; os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas.

Segundo o autor, são os desejos, necessidades, emoções, motivações, interesses, impulsos e inclinações do indivíduo que dão origem ao pensamento. O pensamento por sua vez exerce influência sobre o aspecto afetivo-volitivo. Para Vygotsky, cognição e afeto não se separam e exercem influências recíprocas ao longo de toda a história. Mesmo sendo diferentes, formam uma unidade, por isso, ele aponta para a necessidade de uma abordagem unificadora dos aspectos intelectuais e afetivos.

Outro grande pesquisador da cognição humana foi Piaget e um referencial para todos os pesquisadores da moralidade humana e das interações sociais, exerceu sua carreira de psicólogo e epistemólogo. Descreveremos um pouco sobre a sua concepção sobre o juízo moral, para então descrever sua concepção sobre a relação entre a afetividade e cognição.

Segundo Piaget, toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por estas regras. Para ele, os jogos coletivos de regras são grandes influenciadores para a moralidade humana. Ele cita três razões para explicar esse pensamento. A primeira delas são as normas, que para ele podem ser modificadas mesmo que tenham sido herdadas. A segunda trata-se do respeito às normas, pois, para ele o respeito envolve questões de justiça e honestidade. Por fim, os mútuos acordos feitos entre os jogadores, que para ele não é mera aceitação de normas e sim consentimento. Piaget pesquisou a prática e a consciência da regra, após observar um jogo de bolas entre meninos e amarelinha entre meninas. A partir desse estudo ele dividiu em três etapas a evolução da prática e a consciência da regra:

A primeira etapa, denominada anomia, as crianças até cinco/seis anos não conseguem seguir regras estabelecidas sem que antes realizem seus desejos motores ou fantasias simbólicas. A segunda etapa, a da heteronomia, as crianças de seis a nove/dez anos já se

interessam em participar das atividades coletivas. Porém, ainda não assimilaram o sentido da existência de regras, por isso não as seguem à risca.

A terceira, e última etapa, a da autonomia, é quando a criança passa a respeitar regras através dos mútuos acordos e a elaborar novas regras.

Piaget também ressalta o ingresso da criança no universo moral, através da sua leitura sobre a aprendizagem dos deveres impostos pelos pais. Ele investigou as concepções morais em três situações: dano moral, roubo e mentira.

A afetividade para Piaget é vista como uma energia, ou algo que impulsiona as ações. O desenvolvimento da inteligência permite que a motivação seja despertada. A afetividade, então, seria a mola propulsora das ações e a razão estaria a seu serviço. Para ele, o que move a ação moral autônoma é o sentimento racional, que é a necessidade. Na teoria piagetiana não se percebe uma luta entre a afetividade e a moral. Pelo contrário em suas pesquisas, o afeto e a moral se conjugam em harmonia. Segundo o autor, o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência e, por isso, o afetivo e o cognitivo são inseparáveis, embora distintos.

Por fim, fazendo uma pequena referência a teoria da personalidade do psicanalista Sigmund Freud, destacamos que, segundo a visão de Souza (2011) nesta teoria o afeto está ligado quase sempre a impulso e não há uma utilização do termo afetividade ou sentimento; “(...) (apenas para sentimento de culpa e sentimento de vergonha), ou ainda ‘emoção’” (SOUZA, 2011, p. 4). Ainda usando as palavras da autora:

Parece-nos então que a teoria freudiana é nitidamente uma teoria dos impulsos, muito mais do que uma teoria da inteligência ou do funcionamento mental consciente. Não parece também ser esta teoria uma teoria da afetividade em seu sentido estrito, como o que é referido pelas teorias de Vygotsky e Wallon. (SOUZA, 2011, p. 4).

CAPITULO III - RELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) aprender é designado como uma tarefa árdua na qual se convive o tempo inteiro com o que ainda não é conhecido. Para o sucesso dessa empreitada, é fundamental que exista uma relação de confiança e respeito mútuo entre o professor e o aluno, de maneira que a situação escolar possa dar conta de todas as questões de ordem afetiva. É importante ressaltar que essa responsabilidade não é apenas do professor, mas também deve ser conseguido nas relações entre alunos. Quando não se tem um clima favorável de confiança, compromisso e responsabilidade dentro da sala de aula, os direcionamentos dados pelo professor ficam comprometidos. Para tanto, o trabalho educacional inclui as intervenções para que os alunos aprendam a respeitar as diferenças, a estabelecer vínculos de confiança e uma prática cooperativa e solidária.

Nas abordagens inatistas e comportamentalistas da psicologia, vistas anteriormente, a dimensão afetiva parece não ser colocada em evidência quando se trata de processos de aprendizagem. Nota-se que as práticas escolares atuais em sua maioria ainda estão fundamentadas numa visão comportamentalista, na qual o professor é o centro do processo de ensino e o aluno é um mero receptor passivo, como já foi dito neste trabalho. Deste modo, teoricamente falando, parece que não há espaços para a afetividade no processo ensino aprendizagem, até porque aprendizagem nesta abordagem implica em mudança de comportamento mediante a relação estímulo-resposta-recompensa.

Na abordagem interacionista, porém, encontramos mais espaços para a afetividade na sua relação com a aprendizagem, embora alguns autores focalizem mais este aspecto e outros menos. Das teorias nomeadas interacionistas apontadas neste trabalho, de Piaget, de Vygotsky e de Wallon, é nesta última que a afetividade tem mais relevo, ou que ocupa lugar central. Apresentaremos, então, a visão de cada um destes teóricos a respeito da relação aprendizagem e afetividade, uma vez que a dimensão afetiva é um importante fator a ser considerado, quando pretendemos compreender o desenvolvimento da aprendizagem da criança.

Iniciemos com a teoria psicogenética de Wallon, ressaltando as suas contribuições para o processo ensino aprendizagem, através das diretrizes dadas ao professor para um desenvolvimento mais abrangente, respeitoso e sensível nas relações que constituem a pessoa do aluno. E por entendermos que sua teoria facilita a compreensão do indivíduo em sua totalidade, mostrando uma visão integrada da pessoa do aluno; e enfocando a importância do

professor para o desenvolvimento do cognitivo, motor e afetivo do aluno no processo-ensino aprendizagem. Wallon diz que as influências afetivas que envolvem a criança desde o início de sua vida, principalmente através das relações que estabelece com os outros, serão determinantes na sua evolução psíquica. Segundo Dantas (1992)

A história da construção da pessoa será constituída por uma alternância de momentos dominantes afetivos, ou dominantes cognitivos, não paralelos, mas integrados. Cada novo momento terá incorporado as aquisições feitas no nível anterior, ou seja, na outra dimensão. Isso significa que uma depende da outra pra evoluir. (DANTAS, 1992 apud ALENCAR, 2006 p.118)

Segundo Mahoney (2000) Wallon assumiu essa perspectiva da psicologia genética, pois considerava a mais adequada para estudar a transformação da criança em adulto, e também porque essa teoria busca o sentido dos fenômenos em sua origem e transformações sempre em sua unidade. Ele descreve e explica essas mudanças através do método elaborado e denominado de análise genética comparativa multidimensional, que consiste em fazer comparações para esclarecer o processo de desenvolvimento. Nessas comparações são analisadas, o fenômeno em suas várias denominações: orgânicas, neurofisiológicas, sociais e as relações entre esses fatores. Por isso, é denominada multidimensional. Nessa teoria a pessoa está em processo contínuo, onde há constantes mudanças e transformações ao longo da vida e essas mudanças podem ser observadas tanto externamente, quanto internamente quando são expressas através de um jogo de forças e tensões que envolve os conjuntos motor, afetivo e cognitivo.

É importante ressaltar que o jogo de forças entre os aspectos (motor, afetivo e cognitivo) só é possível através da interação entre as condições de funcionamento do organismo e através das atividades oferecidas pelo meio. Portanto, o desenvolvimento do sujeito, dependerá das oportunidades oferecidas pelo meio.

Na teoria de Wallon, a concepção de desenvolvimento é de um processo, nunca acabado, que não elimina as regressões, crises ou conflitos. Para o autor as crises se dão na passagem de um estágio para o outro, essas crises são geradas pelo encontro das atividades já adquiridas com as novas solicitações. A solução desses conflitos dará início a uma nova etapa.

Na concepção de Mahoney, se utilizarmos a teoria de Wallon como instrumento para definir nossas atividades em sala de aula, poderemos afirmar que a tarefa de educar significa promover condições que respeitem as leis que regulam o processo de desenvolvimento, levando em consideração as possibilidades orgânicas e neurológicas do momento, como

também as condições de existência do aluno. Para a autora, a essência de educar é, respeitar essa integração no seu movimento constante.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil (RECNEI), a criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Porém, para se desenvolver, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelece. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, no módulo da introdução, enfocam a importância do professor observar e atender as necessidades singulares de determinados alunos, sendo necessário estar atento para considerar a especificidade de cada aluno, analisando as possibilidades de aprendizagem e avaliando as medidas adotadas para essa prática. A atenção à diversidade deve se pautar em medidas que levem em conta tanto as capacidades intelectuais e os conhecimentos que o aluno dispõe, quanto seus interesses e motivações.

Por essa razão, é imprescindível que o professor seja sensível aos interesses das crianças em cada fase da vida, observando como as crianças diferem em seu pensamento e modo de sentir o mundo. A escola, por ser o primeiro agente socializador fora do círculo familiar da criança, torna-se a base da aprendizagem, sendo responsável por oferecer todas as condições necessárias para que ela se sinta segura e protegida.

No que se refere à afetividade e a inteligência, segundo Alencar (2006,) para Wallon não são funções que aparecem na criança de forma pronta e acabada; antes evoluem ao longo do desenvolvimento humano, sendo modificadas e construídas de uma fase a outra do desenvolvimento. Neste processo de desenvolvimento, há momentos em que a predominância é afetiva e há momentos que a dominância é cognitiva.

Porém, vale ressaltar que tanto numa fase quanto na outra, o ato motor é indispensável na constituição do conhecimento e para a manifestação das emoções, pois ele é inerente ao cognitivo e ao afetivo, como também à constituição da pessoa. A criança ao elaborar o conhecimento e expressar suas emoções, o faz mediante a influência direta dessas funções, que servem de base o tempo todo.

Enquanto a criança não domina a fala, é através do ato motor que são traduzidas as manifestações do psiquismo infantil; é através dos gestos, dos espasmos e dos reflexos que a criança projeta para o meio social suas sensações.

A criança, logo no início da sua vida, é totalmente dependente do meio externo, ela necessita do meio para interpretar, dar significado e trazer respostas às suas necessidades. Wallon (1979 apud ALENCAR, 2006, p.120) considera que o meio social e o meio cultural

constituem as condições, as possibilidades e os limites de desenvolvimento para o indivíduo, e acredita que a relação que este mantém com o meio é de transformações mútuas.

Tassoni (2000 apud ALENCAR, 2006) explica que mesmo os fenômenos afetivos possuindo uma natureza subjetiva são produzidos no meio sociocultural, estão diretamente relacionados à qualidade das interações sociais; portanto é por meio dessas experiências que a criança vivencia na escola que os objetos passarão a ter um valor cognitivo e também afetivo. Com relação ao papel da dimensão afetiva no processo de construção de conhecimento, os autores (Tassoni e Leite) concordam com o fato de que os estados afetivos interferem no estado cognitivo.

É ainda nos PCNs (BRASIL, 2001, p 101) que se ressalta que mesmo garantindo todas as condições para uma aprendizagem significativa, pode acontecer que a ansiedade presente na situação de aprendizagem se torne muito intensa e impeça uma atitude favorável. A ansiedade pode estar ligada ao medo de fracasso, desencadeado pelo sentimento de incapacidade para a realização da tarefa ou de insegurança em relação à ajuda que pode ou não receber de seu professor, ou de seus colegas, consolidando um bloqueio para aprender.

O estabelecimento de condições adequadas para a interação não pode estar pautado somente em questões cognitivas. Os aspectos emocionais e afetivos são tão relevantes quanto os cognitivos, principalmente para os alunos prejudicados por fracassos escolares ou que não estejam interessados no que a escola pode oferecer. A afetividade, o grau de aceitação ou rejeição, a competitividade e o ritmo de produção estabelecidos em um grupo interferem diretamente na produção do trabalho. O professor é o grande responsável em promover um ambiente favorável ao desenvolvimento dos seus alunos, buscando sempre condições e caminhos e que fujam de uma aula autoritária e mecânica, onde o aluno se sente rodeado de relações superficiais que não produzem nenhum interesse e significado.

Conforme Dantas (1992 apud ALENCAR, 2006) quando a criança vai se desenvolvendo, as trocas afetivas vão se ampliando. Desta forma, para a criança, torna-se bastante significativo o que é dito sobre ela. Os elogios que são dispensados a ela e a atenção às suas dificuldades são formas sutis de o professor manifestar interesse pelo seu desenvolvimento, levando a criança ao destravamento cognitivo.

Segundo Mahoney (2000) para Wallon, no processo de desenvolvimento os movimentos vão se aperfeiçoando e a criança vai notando as relações entre a função de cada parte de seu corpo, bem como os objetos que a rodeiam. O afetivo por sua vez tem origem nas sensibilidades internas (referente às sensações viscerais) e referente as sensações musculares. Essas sensações são responsáveis pela atividade generalizada do organismo, que através da

sensibilidade do outro, vai se transformando em sinalizações afetivas mais específicas como o medo, a raiva, a alegria, a tranquilidade, etc.

Todos os conjuntos funcionais definidos por Wallon (motor, afetivo e cognitivo) agem de forma sincrética, ou seja, em um elemento unificado; e através do esforço da criança vão se diferenciando. As transformações traduzem a passagem de uma etapa à outra, ou seja, do sincretismo para diferenciação. Desenvolver-se, portanto, é ser capaz de responder com reações cada vez mais específicas a situações mais variadas.

Para Dantas (1992 apud SOUZA, 2010), Wallon buscava o conhecimento da pessoa no sentido amplo. Um ser de afeto, emoção, inteligência e movimento, que se forma a partir da relação com o outro, utilizando sempre dos elementos essenciais para a construção do ser integral. Na visão do autor o homem só poderá ser compreendido na sua totalidade dos conjuntos funcionais que compõem o psiquismo humano. Quando isolamos essas dimensões cometemos o erro de analisarmos o desenvolvimento humano de forma fragmentada e incompleta. A afetividade constitui em cada estágio de desenvolvimento, um tipo de manifestação diferente, principalmente em função das necessidades e possibilidades maturacionais da criança.

Através da interação contínua da afetividade com a inteligência e motricidade vai tornando possível a evolução psíquica da criança.

Observando-se, então, a importância da afetividade no processo de desenvolvimento humano e da aprendizagem destacada por autores como Wallon, podemos enfatizar o importante papel que tem a escola no sentido de possibilitar condições para a aprendizagem. A este respeito Bessa (2008) afirma que a escola precisa enxergar as crianças como seres humanos complexos e únicos, cada qual com suas características físicas e psicológicas. Cabe, portanto, ao professor, respeitar o aluno em suas particularidades e principalmente preservando a intimidade do aluno, sem expor seus problemas. É importante trabalhar as emoções em todos os momentos e não apenas em momentos críticos. Também é preciso dar espaço para que a criança expresse seus próprios sentimentos, sem ser julgada, e o professor pode ajudá-la nisso.

O Professor precisa ter consciência de que é o primeiro agente socializador e por isso, deve demonstrar através dos seus atos o quanto a criança é importante, através dos seus atos de dedicação, afeto e paciência. As atitudes do professor pode possibilitar uma aprendizagem efetiva e prazerosa. Cabe também ressaltar que o professor é parte principal no processo-ensino aprendizagem

É ainda Wallon apud Dantas (2008), que defende que é justamente pelo emoção que cativamos o meio para que este nos forneça as informações necessárias ao nosso desenvolvimento cognitivo. Na sua teoria psicogenética Wallon aborda a importância do respeito ao aluno. O professor precisa ter consciência de que suas atitudes são fundamentais para que se tenha um bom trabalho e que a partir das atitudes de respeito, ele consiga contagiar todos os alunos. Os alunos por sua vez devem se conscientizar que as emoções são sentimentos importantes, que fazem parte do cotidiano escolar, mas precisam ser mediadas pelo professor.

De acordo com Libâneo (1994 apud BESSA, 2008, p.79) o trabalho docente é organizado através dos aspectos cognitivos e afetivos. E a relação entre professores e alunos fazem parte dos objetivos do processo de ensino. Por essa razão, essa relação não se limita apenas à transmissão e assimilação, pois leva em conta o conjunto, através da valorização do outro. Para o autor, o trabalho docente deve levar em consideração a forma de comunicação dos conteúdos e as tarefas indicadas aos alunos, que ele define como Cognoscitivo e as relações pessoais entre o professor e o aluno, bem como as normas disciplinares que são indispensáveis ao trabalho docente (socioemocional). Os aspectos socioemocionais são os vínculos afetivos entre o professor, o aluno e a disciplina.

É importante ressaltar que a relação entre razão e emoção perdura a vida toda, e a emoção sempre volta a dominar toda vez que o indivíduo se encontra numa situação de inabilidade. Por isso, o professor deve observar atentamente os indicadores de emoção em seu aluno para que possa atender as suas necessidades nas situações de imperícia, racionalizando a emoção para ajudá-lo a lidar com a falta de habilidade.

Indivíduo racionalizado, na visão de Wallon, é aquele que é capaz de perceber suas emoções, reconhecendo seus sentimentos e levando em conta a relação de emoções e sentimentos com o exterior. Para que ocorra a aprendizagem é necessário a temperatura emocional. Para isso, o professor poderá utilizar técnicas para o aluno racionalizar suas próprias emoções, através das discussões, poesias, teatro e poderá também racionalizar suas próprias emoções ao refletir sobre sua própria ação e a do aluno, permitindo que o aluno expresse seus sentimentos.

Para o autor, a inteligência é um processo evolutivo, assim como a afetividade, por isso, o professor deve observar as demandas do aluno para então atendê-lo nas suas diferentes exigências de afeto. Neste sentido, o professor tem a responsabilidade de tornar o aluno mais propício ao desenvolvimento. Para isso ele precisa conhecer as teorias do desenvolvimento, de aprendizagem, de personalidade e principalmente ter uma atitude de investigador do ser em

desenvolvimento e de sua própria prática. O professor precisa também ser um constante observador da criança como uma pessoa completa, integrada, contextualizada. (Almeida, 2007).

Nesta visão psicogenética, a criança não erra, antes atua corretamente segundo as leis de seu próprio funcionamento mental. Ao enfrentar obstáculos decorrentes das fontes de conhecimento e das condições pessoais, a criança utiliza mecanismos que são sua forma de expressar as contradições.

Wallon acredita que muitas das dificuldades de aprendizagem são decorrentes da falta de investimento da pessoa no ato de aprender. A aprendizagem para ele ocorre quando está adequada aos interesses do aluno; todo o interesse nasce de uma necessidade. Cabe então ao professor identificar as necessidades de seus alunos, criando condições para satisfazê-las. Logo, o seu papel é de organizador do ambiente, tornando-o acolhedor e que desperte o interesse da criança, e proporcionando atividades significativas. Sobre o papel do professor Saltini (1999) também destaca que,

A serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis faz parte da paz que a criança necessita. Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor, vai assegurar a criança a ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-os sozinha ou em conjunto de sensações e percepções que garantem a elaboração de nossas raivas e conflitos. Ela conduz ao conhecimento de si mesmo, tanto do educador quanto da criança. (SALTINI, 1997.p.91).

Assim, podemos afirmar que devemos manter em nossa prática o cultivo da sensibilidade, da serenidade, da paciência. Faz-se necessário também uma reflexão sobre a nossa prática e a extinção da prática do professor dominador, autoritário e alheio aos sentimentos e emoções dos seus alunos.

Tassoni (2000) diz que para Wallon (1968) é através da afetividade que o indivíduo acessa o mundo simbólico, originando a atividade cognitiva e possibilitando o seu avanço. Assim como a afetividade, o processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de uma relação de afeto. É, portanto, através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir, e dessa forma, apropria-se ou constrói novos conhecimentos. Assim, pode-se afirmar que nesta concepção, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, para tanto o professor deve aprender a lidar com o estado emotivo dela para então poder estimular seu crescimento individual. Conforme Saltini (1997) essa interpelação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento.

Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas tomam um sentido, um peso e um respeito, enfim, onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. (SALTINI, 1997.p.91).

A afetividade no ambiente escolar, e mais especificamente dentro da sala de aula, só vem contribuir no processo de ensino aprendizagem. Conforme os PCNs (BRASIL, 2001, p 83) tanto a afetividade como a racionalidade desenvolvem-se a partir das interações sociais, desde a infância e durante a vida toda.

Na teoria de Vygotsky podemos encontrar também, de maneira explícita e implícita, a relação aprendizagem e afetividade. Quando o autor apresenta o professor como aquele que funciona intervindo e mediando a relação do aluno com o conhecimento, pois está sempre, em seu esforço pedagógico, procurando criar Zonas de Desenvolvimento Proximal (ZDP's), isto é, atuando como elemento de intervenção, de ajuda, sinaliza para a afetividade nesta relação. É nesta ação que consideramos amorosa, afetuosa que conduz o aluno de um estágio de menor conhecimento para o de maior conhecimento.

Vygotsky também tematizou as relações entre afeto e cognição, embora em sua teoria, conforme Oliveira (1992), ele não usou o termo “cognição”, porém empregou as expressões “funções mentais” e “consciência” para designar processos que designamos como cognitivos. Esta relação (afeto-cognição) é evidenciada pelo autor.

Vygotsky usou o termo função mental para referir-se a processos como pensamento, memória, percepção e atenção. Segundo Ibiapina (2006) os processos superiores (funções mentais) são próprios do homem social. Eles não são universais, estáticos ou imutáveis; antes sua estrutura muda de acordo com a vida social que o homem leva. Através da mediação dos instrumentos (linguagem-fala) e do convívio com outros, os seres humanos apropriam-se dos conhecimentos produzidos historicamente através da sociedade em que estão inseridos e que vão sendo internalizados no indivíduo ao longo de sua evolução biológica e social.

A linguagem seria um dos instrumentos apontados por Vygotsky como responsável por organizar as funções psíquicas, possibilitando as mudanças qualitativas na forma de cognição. Para promovermos o desenvolvimento e a formação dos conceitos, precisamos de um meio (signos) que dirija o uso dessas funções mentais. Para Vygotsky a função comunicativa da linguagem permite ao homem vivenciar o processo de interlocução constante com os seus semelhantes. A palavra é, portanto, um instrumento psicológico responsável por desencadear as funções mentais necessárias a resolução e um instrumento imprescindível á formação de conceitos.

Vygotsky destaca a importância do outro não só no processo de construção do conhecimento, como também na constituição do próprio sujeito e de suas formas de agir. Desta forma, o papel do outro no processo de aprendizagem seria fundamental, bem como a mediação e as interações sociais. O ambiente social e, em especial, o processo de escolarização, facilita esse processo de mediação. De forma mais específica, o processo é resultado da interação com o meio social e do aprendizado construído através da percepção, observação, experimentação e imitação. São as experiências vivenciadas com outras pessoas que irão marcar e conferir aos objetos um sentido afetivo.

É importante ressaltar que nesse processo de internalização, estão envolvidos não só os aspectos cognitivos, mas também os afetivos. Conforme mostra Oliveira (1992) mencionando o pensamento de Vygotsky o principal defeito da psicologia tradicional é a separação dos aspectos intelectuais dos afetivos. Para Vygotsky, afeto e intelecto são inseparáveis. Os desejos, os interesses e motivações, se juntam a percepção, a memória, ao pensamento, a imaginação e a vontade em todas as atividades do nosso cotidiano. Por isso, o ambiente escolar favorável é um dos elementos que irão facilitar o processo de mediação e a formação dos conceitos científicos, permitindo que os sujeitos se utilizem dos instrumentos psicológicos para obter seu desenvolvimento e transformação. O papel do professor é fundamental nesse processo, principalmente por ser um sujeito com mais experiência. O diálogo do professor com o aluno é elemento imprescindível, visto que a linguagem é uma ferramenta importantíssima para a consolidação do desenvolvimento humano. Não cabe nessa perspectiva uma postura autoritária, antes o professor precisa compreender as necessidades do seu aluno e ajudá-los a superar as suas dificuldades.

Ao ensinar, o professor precisa fazer o aluno avançar no seu desenvolvimento, analisando os conhecimentos que o aluno já tem, para então orientá-los para uma experiência nova, com novos desafios e novos questionamentos. Como afirma Vygotsky, a boa aprendizagem é aquela que passa a frente do desenvolvimento e o conduz. A escola, por ser o primeiro agente socializador fora do círculo familiar da criança, deve oferecer todas as condições necessárias para que a criança se sinta segura e protegida. Por isso, é imprescindível que o educador tenha consciência de que não é um mero reproduzidor de conhecimentos, mas um agente mediador de um processo de aprendizagem, que precisa e deve envolver a afetividade na sua prática.

Percebemos após essas informações, que tanto Wallon como Vygotsky apresentam pensamentos semelhantes no que diz respeito à relação existente entre o ambiente social e os processos afetivos e cognitivos. Ambos defendem a importância da afetividade no ambiente

escolar, quer seja no respeito às fases do seu desenvolvimento (Wallon), ou ao seu nível de desenvolvimento (Vygotsky).

No que diz respeito à presença da afetividade e a sua relação com a aprendizagem na teoria de Piaget, o epistemólogo cuja teoria está mais relacionada ao desenvolvimento da inteligência, diz que existe um paralelo constante entre a vida afetiva e intelectual que ocorrerá no curso de todo o desenvolvimento humano, da infância a adolescência. A afetividade e inteligência são indissociáveis e constituem os dois aspectos complementares de toda conduta humana.

Em toda conduta, as motivações e o dinamismo energético provem da afetividade, enquanto que as técnicas e o ajustamento dos meios empregados constituem o aspecto cognitivo (senso motor ou racional). Nunca há uma ação puramente intelectual, assim como também não há atos que sejam puramente afetivos.

No que se refere ao desenvolvimento, existem três novidades afetivas essenciais (interesse, valores, sentimentos). Para Piaget, a afetividade é entendida como uma energia capaz de impulsionar as ações. Com o desenvolvimento da inteligência a motivação é estimulada por um número cada vez maior de objetos ou ocorrências. Mesmo assim, a razão está a serviço da afetividade que é quem direciona as ações.

Analisando a relação afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico Souza (2011) afirma que Piaget apresentou em seu trabalho “(...) suas concepções sobre afetividade e sentimentos em relações com a evolução cognitiva (...). (SOUZA, 2011, p. 252). A autora ilustra o que Piaget disse sobre a afetividade citando um trecho dele que mostramos aqui:

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em conseqüência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente.” (PIAGET, 1962/1994 apud SOUZA, 2011, p. 252)

Conforme Souza, (2011, p. 253). Piaget se apoiou em diferentes teorias “(...) para formular sua tese de que toda a conduta possui um elemento energético (afetivo) e um estrutural (intelectual) que se relacionam mutuamente e que possuem naturezas diferentes”. Apoiou-se ainda na teoria de Freud quanto ao tema da escolha do objeto. Posteriormente, ainda conforme a autora, Piaget apresenta sua própria proposição sobre a relação afetividade e inteligência. Mostra, então, em cada fase de desenvolvimento o papel da afetividade no processo de desenvolvimento. Sintetizando o que Souza (2011, p 253) apresentou temos:

- Período sensório-motor – afetividade e inteligência estão ligadas às necessidades fisiológicas e às novidades trazidas pelo exercício da percepção;
- Período pré-operatório – predomina a imitação, o jogo simbólico e as intuições rígidas e inflexíveis, os sentimentos também seriam de natureza intuitiva, rígida e inflexível; sentimentos ligados às pessoas como objetos privilegiados. Os afetos são mais estáveis que no período anterior;
- Período operatório concreto – evolução não só nos aspectos cognitivos, mas nos afetivos, que passa a se regular em sistemas de valores hierarquizados e coordenado conflitos entre tendências de forças diferentes. “Nesse período, os sentimentos se tornam normativos incorporando em sua dinâmica, as regras, a reciprocidade de interesses e os valores”
- Período operatório formal – deslocamento da afetividade das pessoas e das normas enquanto objetos para as teorias e ideias que o pensamento pode constituir; são os sentimentos ideológicos.

Portanto, nas palavras de Souza (2011, p 253), para Piaget “(...) afetividade e inteligência seriam pólos indissociáveis na conduta, mas possuem papéis diferentes, caminhando juntas, conferindo às ações a dupla caracterização estrutural e energética”.

Visto isto, concluímos sobre a necessidade dos professores conhecerem estas abordagens de Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo e a sua relação com a afetividade, bem como as abordagens de Wallon e Vygotsky apresentadas anteriormente, para que possam compreender melhor o processo de desenvolvimento humano e favorecer na sua relação de ensino o processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES

O estudo sobre a importância da afetividade para o desenvolvimento da aprendizagem nos levou a algumas considerações. A primeira delas é que não podemos dissociar a afetividade da inteligência e da motricidade. Todas constituem fatores fundamentais para a evolução do psiquismo da criança, influenciando também no processo aprendizagem e formação da personalidade.

Outra consideração é que para que a escola se torne um ambiente favorável ao pleno desenvolvimento e aprendizagem do aluno, ela precisa estar organizada de modo a propiciar não só uma educação favorável á aprendizagem, mas ao crescimento do aluno como pessoa completa.

A sala de aula, então deverá ser um lugar onde a afetividade possa ser construída e preservada através do vínculo estabelecido entre o professor e aluno. O professor como mediador no processo educativo, precisa conhecer as necessidades dos alunos, bem como ter conhecimento do desenvolvimento psicológico possibilitando, então, o desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades.

As relações sociais são fundamentais para a consolidação do desenvolvimento da criança em todos os aspectos. Para que a criança tenha um desenvolvimento adequado e saudável dentro do ambiente escolar, e conseqüentemente no social, torna-se necessário um estabelecimento de relações interpessoais positivas através do respeito, aceitação e apoio por parte daqueles que fazem o ambiente escolar.

Conquistar as crianças é fundamental, para que o seu processo de aprendizagem seja um ato desejável e prazeroso. Através das situações estabelecidas pelo educador, a criança participa ativamente da construção, principalmente a partir das resoluções de problemas que desafiam a curiosidade e estimulam sua criatividade. Deste modo, faz-se necessário estabelecer vínculos afetivos que possam garantir confiança, segurança, respeito mútuo e autonomia.

Na condição de educadores, precisamos estar atentos ao fato de que, enquanto não dermos atenção ao fator afetivo na relação educador - educando, correremos o risco de estarmos apenas trabalhando com a construção real do conhecimento, deixando de lado o trabalho da construção do próprio sujeito, que envolve valores e o caráter, fundamentais ao desenvolvimento integral.

Consideramos ainda que se faz necessário que o educador tenha consciência do seu papel na formação da criança, procurando refletir sobre a sua prática pedagógica, analisando

se tem estabelecido vínculos afetivos favoráveis para a uma aprendizagem significativa ou se mantém práticas autoritárias gerando no aluno o travamento cognitivo. A qualidade do relacionamento existente entre o adulto e a criança irá determinar seu desenvolvimento não apenas na sala de aula, mas por toda a vida.

Mediante as considerações, acreditamos que dessa forma, o professor terá condições de tomar decisões comprometidas com o desenvolvimento das potencialidades e habilidades do aluno, fazendo dele uma pessoa mais feliz e realizada em suas aprendizagens.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eliana de Sousa. As relações interpessoais e o desenvolvimento afetivo e intelectual da criança. In: CARVALHO, Maria Vilani Cosme (org.). **Temas em Psicologia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Wallon e a Educação. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L.R.de (orgs). **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. São Paulo: Loyola, 2007.

BESSA, Valéria da Hora. **Teorias da Aprendizagem**. Curitiba: IESDE, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. **Introdução**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Apresentação dos temas transversais e Ética**. 3 ed.-Brasília: MEC/SEF, 2001.

DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, M. K e DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992

IBIAPINA, Ivana M.L.de Melo. O processo de formação de conceitos na abordagem sócio-histórica e as implicações para a prática pedagógica. In: CARVALHO, Maria Vilani Cosme. (org.) **Temas em Psicologia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MACEDO, Rosa Maria de Almeida. O processo de desenvolvimento humano explicando por que somos tão iguais e tão diferentes. In: CARVALHO, Maria Vilani Cosme (org.) **Temas em Psicologia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. São Paulo: Loyola, 2000.

OLIVEIRA, M. K. O problema da afetividade em Vygotsky. In: DE LA TAILLE, **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1978.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico - cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

SOUZA, Maria Sueli Barbosa de. **A importância da afetividade nas inter-relações para o desenvolvimento do ser integral.** (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande - PB. 2010.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. **As Relações entre Afetividade e Inteligência no Desenvolvimento Psicológico.** Psicologia: Teoria e Pesquisa. Abr-Jun 2011, Vol. 27 n. 2, pp. 249-254 (PDF)

ZANELLA, Liane. Aprendizagem uma Introdução. In: La rosa, Jorge (Org.). **Psicologia e educação: o significado do aprender.** Porto Alegre: Edipucrs, 2003.